



A TEOGAPIA DO RISUS PASCHALIS: A RISADA E O PERDÃO NA LITURGIA

The theoagapy of *Risus Paschalis*: the laughter and forgiveness in the liturgy

Helio Aparecido Campos Teixeira¹

Resumo:

Introdução: O *perdão*, entendido desde a *incondicionalidade kenótica*, é o fundamento do acontecimento pascal. Entretanto, é comum a noção teológica do perdão encontrar resistências no quadro teórico de abordagem bíblico-teológica, perfilando, por vezes, situações condicionantes para a realização de sua efetividade epifenomênica. Assim, a presente comunicação busca apresentar como resultado provisório de pesquisa algumas vinculações entre o *perdão* e a *risada* desde uma abordagem teológica concernente ao rito litúrgico *Risus Paschalis* e o conceito *Teoagapia*. **Objetivo:** Compreender as significações da risada por uma ótica teológica da libertação e da *antropofagia oswaldiana* desde suas especificidades referentes à *teoagapia*, e colocadas em diálogo com o conceito litúrgico do *Risus Paschalis*. **Métodos:** Pesquisa histórico-sistemática, de caráter exploratório, com orientação analítico-descritiva. **Resultados:** É partindo da constatação de que a risada está imersa em *refrações simbólicas de reprodução* que se poderá ver claramente tanto a concepção teológica quanto a recepção histórico-sociológica da crítica à *teoagapia*, o que permitirá a elaboração de um conceito hermenêutico apropriado. **Conclusão:** Na noção esquemática das orientações teóricas desenvolvidas na pesquisa sobre a risada, aqui construída teoricamente, e a conceituação hipotética, é que seu epifenômeno teológico e social mostra-se suficientemente dramático da atualidade que o cerca, isto é, a *risada* como um jeito hermenêutico de compulsar a noção *teoagápica* do perdão, parece excluída do fazer teológico.

Palavras-chave:

Risus Paschalis. Perdão. Teoagapia. Liturgia.

Abstract:

Introduction: The Forgiveness, understood from the kenotic unconditionality, is the foundation of Paschal event. However, it is common theological notion of forgiveness find resistance in the theoretical framework of biblical-theological approach, profiling sometimes constraint situations for carrying out their epiphenomenal effectiveness. Accordingly, this communication seeks to present interim results of some research links between forgiveness and laughter from a theological approach concerning the liturgical rite *Risus Paschalis* and the concept *Theoagapy*. **Objective:** To understand the meanings of laughter by a theological perspective of liberation and Oswaldian Anthropophagy from their specificities regarding theoagapy, and placed in dialogue with the liturgical concept *Risus Paschalis*. **Methods:** Historical and Systematic research, exploratory, with analytical-descriptive orientation. **Results:** It is from the realization that laughter is immersed in symbolic refractions of reproduction that you can see clearly both the theological concept as the

¹ Teólogo e Pós-doutorando na Faculdades EST com financiamento pelo Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: heliutopia@gmail.com.

historical-sociological reception of critical on theoagapy, which will allow the development of an appropriate hermeneutical concept. **Conclusion:** In the schematic notion of theoretical orientations developed in research on laughter, here built theoretically, and the hypothetical concept, is that his theological and social epiphenomenon shows up sufficiently dramatic of timeliness that surrounds, that is, the laughter as a hermeneutical scheme of examine theoagapy notion of forgiveness, it seems excluded from the doing theology.

Keywords:

Risus Paschalis. Forgiveness. Theoagapy. Liturgy.

Introdução

Neste artigo busca-se refletir a respeito do rito medieval conhecido por Riso da Páscoa, o *Risus Paschalis*. Esse rito, por sua especificidade e extravagância, descortina a percepção da tendência à gravidade e ao siso nas celebrações litúrgicas das igrejas. A alegria é expressa no mais das vezes por leves sorrisos, um efeito (fenômeno) visual de civilidade ou cordialidade. Enquanto rito litúrgico, o *Risus Pachalis* é de origem muito antiga, não se sabe exatamente quando surgiu essa forma de dramaturgia da burla e do cômico, no tocante às forças da inumanidade e da degeneração das relações entre os grupos sociais. Nesse sentido, o presente artigo procura refletir sobre sua relevância no enquadramento de uma liturgia calcada na *alegria* que o perdão *deveria* suscitar nas consciências dos participantes das comunidades de fé, considerando que a risada é constituinte do jeito próprio do ser humano em lidar com as incoerências da existência.

O sorriso (comunicação visual) e o riso (experiência auditiva)

Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cântico; então se dizia entre os gentios: Grandes coisas fez o Senhor a estes (Salmo 126.2).

O sorriso e a riso são meios de comunicação, constituindo uma estética do visual-auricular, um visual e outro mais audível. Por sua vez, são fenômenos sociais. Rir das cócegas em si mesmo é improvável. Trata-se de um fenômeno fundamentalmente coletivo. O riso é um fenômeno, acima de tudo, audível, enquanto o sorriso é um fenômeno visual, no qual a face é esteticamente envolvida na reprodução de sinais que emitem um código, podendo ser de aprovação, reprovação ou mesmo de ameaça; havendo ainda um sorriso de indiferença. Um sorriso como expressão de prazer por uma ação vingativa, por exemplo. É conhecido o sorriso e a risada de vilões das estórias de heróis e princesas que ecoam sonoramente arrepiantes. Personagens como o Coringa, de Batman, o Cavaleiro das Trevas,² expressa bem essa ideia, ou os sorrisos e risadas de filmes de terror, ou ainda risadas como a do sith Darth Sidious, o chanceler Palpitite, de Star Wars III;³ ou ainda aquela macabra risada clássica de Vicent Price ao final do videoclipe da música *Thriller* de Michael Jackson.⁴

² Batman: O Cavaleiro das Trevas (The Dark Knight). 2008. 152 min. Direção: Christopher Nolan. País de origem: Estados Unidos da América do Norte, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

³ Star Wars Episódio III: A Vingança dos Sith (Star Wars: Episode III - Revenge of the Sith). 2005. 140 minutos. Direção: George Lucas. País de origem: Estados Unidos da América.

⁴ Michael Jackson's Thriller. Artsita: Michael Jackson. Duração: 13 min. Ano: 1983. Direção: John Landis. País de origem: Estados Unidos da América do Norte.

Muitas pesquisas mostram que as mulheres sorriem mais do que os homens, enquanto estes riem mais do que as mulheres. Sorrir é mais polido, rir é mais debochado e agressivo. O sorriso pode, no entanto, ser um indício de cinismo! Às mulheres é reprimida a risada mais do que o sorriso algo que próprio delas, pois a gargalhada em público seria coisa de homens.⁵ Por muito tempo o recato não permitia às mulheres se esbaldarem em gargalhadas estrondosas, sendo tal coisa própria à devassidão daqueles que riem da desgraça alheia ou das coisas sérias deste mundo.

A risada foi tolhida, por muitos, como expressão de incivilidade desde a Idade Antiga. Muitos pensadores compreenderam a risada como própria de indivíduos à margem da civilidade. Aristóteles, por outro lado, viu a risada como uma forma própria aos seres humanos.⁶ Platão também compreendia a risada como algo indigno de um pensador.⁷ A risada, segundo o filósofo grego, deveria se limitar a um uso parcimonioso a serviço da moral e do conhecimento.⁸ Clemente de Alexandria falava que uma risada já estava de bom tamanho a um cristão.⁹ João Crisóstomo para refutar a risada escarneadora apelava para o fato de que nos evangelhos Jesus nunca teria rido.¹⁰ Santo Agostinho dizia que uma pessoa séria não se daria a tal luxúria. Tomás de Aquino já afirmava que a boa risada seria importante para a vida.¹¹ As regras monásticas condenavam o riso fácil e jocoso.¹² Autores irônicos fizeram da risada e do sorriso armas contra a contradição daqueles que se considerando graves prestavam culto ao *normativo*, um Petrônio,¹³ um Nietzsche,¹⁴ um Heine,¹⁵ um Machado de Assis,¹⁶ ou um Oswald de Andrade,¹⁷ foram almas distintas por que fizeram do humor sua epistemologia.¹⁸ Na Idade Moderna, a risada foi incluída no processo de adequação higiênica de civilização que a ciência trouxe para o Ocidente, rir alto se tornou rude e falta de decoro, além de ser coisa imprópria a pessoas de bom nascimento.¹⁹

Ao longo da Idade Média, a risada também foi combatida, embora isso não significasse impedir os grupos sociais de debochar e chistar das situações. Chegou-se mesmo a proibir a risada

⁵ PROVINCE, Robert R. *Laughter: A Scientific Investigation*. New York: Penguin Books, 2001.

⁶ GÓES, Paulo de. O problema do riso em O Nome da Rosa, de Umberto Eco. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 213-240, jan./ju. 2009. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd99=pdf&dd1=3239>. Acesso em: 30 out. 2015.

⁷ ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 42.

⁸ MINOIS, George. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 72.

⁹ BREMMER, Jan. Piadas comediógrafos e livros de piada na cultura grega antiga. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 43.

¹⁰ SILVA, Gilvan Ventura da. A Cartografia do Sagrado no fim do Mundo Antigo: João Crisóstomo e a cristianização de Antioquia. *Notandum*, São Paulo/Porto, Ano XIII, n. 24, p. 05-20, set-dez, 2010. p. 16.

¹¹ MINOIS, 2003, p. 121.

¹² SÃO BENTO. *Regra Monástica*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0480-0547,_Benedictus_Nursinus,_Regola,_PT.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.

¹³ PETRÔNIO. *Satíricon*. Introd., Trad. e notas de C. Aquati. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. Cf. AQUATI, Cláudio. O riso e o grotesco no Satíricon, de Petrônio: o tratamento de Quartila (SAT. 15-26). *Letras Clássicas*, n. 7, p. 171-200, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73835/77501>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. 4. ed. Lisboa: Guimarães, 1987

¹⁵ HEINE, Heinrich. *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*. São Paulo, SP: Iluminuras, 1991.

¹⁶ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

¹⁷ BERTELLI, Giordano Barbin. A arte como contrabando: notas sobre antropofagia e política. *Análise Social*, 204, xlvii (3.º), 2012. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_204_a02.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.

¹⁸ Como explicita Verena Alberti: “O riso revelaria assim que o não-normativo, o desvio e o indizível fazem parte da existência. [...] São inúmeros os textos que tratam o riso no contexto de uma oposição entre a ordem e o desvio, com a consequente valorização do não-oficial e do não-sério, que abarcaria uma realidade mais essencial do que a limitada pelo sério”. ALBERTI, 2002, p. 12.

¹⁹ SALINAS, Maximiliano. O Ocidente e a problematização do riso. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v./n. 226, p. 410-416, 1997.

em muitos lugares. Mas isso não significou cerrar os lábios da população que tinha na risada um verdadeiro dispositivo de resistência e ludicidade.²⁰ A carnavalização da existência implicava no riso ambivalente diante das muitas situações da vida. O riso põe em suspenso a seriedade das situações, muitas vezes impostas como verdades das quais o riso implicaria em sua relativização.²¹ O riso é um modo de ver o mundo. O riso só tem sentido por que se trata de um sentido compartilhado, um sentido que faz um grupo rir de algo. O riso organiza a resistência contra uma realidade desejada estanque, desejada normativa e grave. A risada foi banida dos círculos da oficialidade que prezavam pela gravidade. Ela foi relegada à *praça pública*, para o *carnaval*, e lá se desenvolveu numa liturgia que celebrava a falta de sentido experimentada diante das vicissitudes da vida.

As festas populares celebravam a vida em suas muitas formas. Os ciclos vitais estavam sempre presentes, sendo por vezes comemorados mesmo diante de proibições. Os ciclos vitais permanecem na liturgia popular e nas encenações de mistérios. O teatro renascentista terá nestas manifestações populares material abundante para dialogar com a sacralidade da comunicação por meio da encenação dramática.²² Embora tolhida nos círculos nobres e acadêmicos, a risada não desapareceu das manifestações populares, nem mesmo da liturgia religiosa.²³

A Risada

O som da risada, culturalmente, também tem gênero, pois as mulheres possuem uma frequência mais elevada (~ 502 hertz) do que os homens (~ 276 hertz),²⁴ sendo a principal característica da risada uma forte e abrupta expiração inicial que é sequenciada por um processo de microciclos de expiração-inspiração sincopados.²⁵ Além do gênero, a risada também possui uma gramática, isto é, as notas de uma risada são caracterizadas por séries silábicas curtas do tipo vogal, durando cada nota de 75 milésimos de segundo, aproximadamente, repetindo-se a cada 200 milésimos de segundo. Não é comum uma risada de duração muito longa, notas extensas como: “haaa-haaa-haaa”, nem notas muito curtas. Há na risada um decrescendo, provavelmente porque o ar vai sendo solto. Acredita-se que o ar saia dos pulmões de uma pessoa a mais de 100 Km/h, em menos de 2 segundos.

A risada é a produção de efeitos massageadores no corpo. A risada possui uma função fisiológica, relaxamento e equilíbrio diante de tensões. Na risada, combinam-se a respiração e a alegria.²⁶ É uma combinação de respiração intensa e expiração completa, que conduz à ventilação, ao relaxamento e ao descanso. Já no século XIX Spencer falava que a risada era um dispositivo

²⁰ OLIVEIRA FILHO, Odil José de. *Carnaval no convento: intertextualidade e paródia em José Saramago*. São Paulo? UNESP, 1993. p. 43.

²¹ BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. p. 23.

²² MINOIS, 2003, p. 199.

²³ Exemplo desse tipo de diálogo pode ser visto no teatro de Gil Vicente, autor português que fez uso da liturgia religiosa para elaborar um teatro socialmente vinculado à realidade social. Ver VICENTE, Gil. *Sátiras Sociais*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1975.

²⁴ LAMBERT, Eduardo. *Terapia do RISO: a cura pela alegria*. São Paulo: Pensamento, 1999. p. 44.

²⁵ PINTO, Marcelo. *Sorria: você está sendo curado*. São Paulo: Gente, 2008.

²⁶ A risada além de possuir gênero, função fisiológica, classe social, ela tem também uma história filogenética, a saber, é a partir do 2 ou 3 mês que um bebê começa a rir. Emma Otta diz que o sorriso é observado logo nas primeiras semanas de vida do bebê, enquanto o riso vem lá pelo quarto mês, mais consistentemente. OTTA, Emma. *O sorriso e seus significados*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31.

autônomo do corpo assim como a tosse e o espirro.²⁷ Bergson diz que se trata de fenômeno especialmente humano.

Chamamos atenção para isto: não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu. Como é possível que fato tão importante, em sua simplicidade, não tenha merecido atenção mais acurada dos filósofos? Já se definiu o homem como “um animal que ri”. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz.²⁸

A risada, a gargalhada em especial, coloca todo o nosso organismo em movimento, interna e externamente. Trata-se de completo exercício massageador dos músculos da face e de outras partes do corpo. Enfim, a risada também pode ser contagiosa²⁹ e um dispositivo de defesa do corpo.³⁰

Perdão: a incondicionalidade kenótica

Risus Paschalis

O rito litúrgico designado de *Risus Paschalis*, ou *Riso Pascal*, foi um tipo de prática cültica herdada da antiguidade que sobreviveu na liturgia das igrejas ocidentais e resistiu mesmo, em alguns contextos, até o início do século XX. Esse rito consistia na pilhéria a respeito das forças do mal por parte do liturgo cuja função era escarnecer do diabo e das forças contrárias à ação de Deus na história fazendo todo tipo de referência ao fato da ressurreição ter “enganado” as tais forças.³¹ A liturgia pascal deste rito era elaborada a partir de uma risada em estilo responsorial, qual seja, o responsável pela liturgia deveria fazer menção de alguma jocosidade de ordem sexual enquanto os assistentes à celebração respondiam com risadas, com g a r g a l h a d a s, melhor dizendo. Bremmer diz que isto provavelmente tinha um efeito libertador após o período de profunda gravidade que a *Quaresma* carregava diante do sepultamento do salvador.³² O *Riso da Páscoa*, ou *Dominica gaudii*, era uma das muitas festividades carnavalescas da Idade Média, e possuía os elementos da burla e, por vezes, da blasfêmia, segundo o sério.³³ Bakhtin afirma que o *Risus Paschalis* compreendia junto a outras festas, como a “Festa dos Tolos” e a “Festa do Asno”, formas de inversão da lógica cotidiana.³⁴ Segundo Resnick, a leitura da documentação antiga e medieval atinente ao riso deixa perceber *certa tensão entre o conceito filosófico de riso e a noção cristã de penitência*. Os monges não negaram o riso como valor próprio do ser humano, mas foram impressionados pelos abusos do riso frívolo e agitador de ambientes; ademais julgaram que o riso não tem sentido numa vida

²⁷ SPENCER, Herbert. *The physiology of laughter*. Disponível em: <<http://www.readbookonline.net/readOnLine/23349/>>. Acesso em: 23 out. 2015.

²⁸ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 7.

²⁹ PROVINÉ, 2001, p. 6.

³⁰ FREUD, Sigmund. *O Chiste e a sua relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

³¹ DARDEN, Robert. *Jesus Laughed: The Redemptive Power of Humor*. Nashville: Abingdon Press, 2008.

³² BREMMER, Jan N. *The Early Greek Concept of the Soul*. Princeton: Princeton University Press, 1983. p. 87.

³³ MARTÍN, Adrienne Laskier. *Cervantes and the Burlesque Sonnet*. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 138.

³⁴ BAKHTIN, 2008, p. 4-5.

penitente; o penitente aguarda a vida definitiva para gozar tranquila e alegremente dos bens celestes.³⁵ Virginia Woolf certa vez disse, com perspicácia, que “a comédia representava as fraquezas da natureza humana e a tragédia retratava os homens como maiores do que eles são”.³⁶ Woolf vai mais longe e enceta:

É assim muito raro que o humor venha ao mundo, e dura é a luta da comédia por ele. O riso puro, tal como o ouvimos nos lábios das crianças e de mulheres bobas, anda em descrédito. É tido por ser a voz da tolice e da frivolidade, não se inspirando nem em conhecimento nem em emoção. É um riso que não passa mensagem, que não transmite informação; é um som inarticulado como o latido de um cão ou o balir de um carneiro, e exprimir-se assim é indigno de uma espécie que se dotou de linguagem.³⁷

A escritora afirma que o riso está além das palavras. O ser humano tem no riso a percepção das próprias falhas, sendo o dom da risada um jeito especial de se dar conta de tal ambiguidade. De fato, rir da própria paradoxalidade é sintomático de quem *projeta* a *si* idealmente. Coisa de humanos!

Lutero chamou o *Risus Paschalis* de tagarelice tola e ridícula.³⁸ Em seu famoso texto, Johannes Oecolampadius não poupou críticas severas ao rito dizendo que obscenidades eram praticadas, os pregadores tratavam na igreja das coisas que eram praticadas na intimidade dos quartos. Wolfgang Capito registrou em carta sua queixa contra os pregadores da *alegria pascal* dizendo que havia uma verdadeira algazarra na igreja cuja cerimônia era também levada a cabo pelos leigos que se vestiam de monges e fingiam estar dando à luz um bezerro.³⁹ Além de realizarem verdadeiras pilhérias com o clero.⁴⁰ A partir do século XVII, o papa Maximiliano III proibiu esse rito. A “religião nos limites da razão” tratou também de contribuir para seu cerceamento e consequente exclusão da liturgia. O *Risus Paschalis* estava presente na liturgia desde o tempo da igreja dos primeiros séculos:

Era um momento de alegria exuberante. Gregório de Nissa desenha um retrato vívido das multidões jubilosas que, por suas vestimentas, um recurso ainda preservado e sua participação devota na igreja, procuravam fazer honra ao festival. Todo o trabalho cessava, todas as negociações eram suspensas. Era um tempo favorável para o batismo, os tribunais fechavam, esmolas eram dadas aos pobres e escravos eram libertados. O Domingo de Páscoa se tornou conhecido como Dominica gaudii (Domingo da Alegria). Em reação às austeridades da Quaresma, as pessoas se entregavam ao gozo das danças populares, dos esportes e dos entretenimentos e fanfarrônicas. Em alguns lugares, o clero para aumentar

³⁵ RESNICK, Irven M. *Risus Monasticus. Laughter and medieval Monastic Culture. Revue Bénédictine*, v. 97, n. 1 e 2, p. 91-100, 1987.

³⁶ WOOLF, Virginia. *O Valor do Riso e Outros Ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. p. 35.

³⁷ WOOLF, 2014, p. 36.

³⁸ Embora Lutero condenasse o *Risus Paschalis*, Peter Berger afirma que muitos autores consideram Lutero como um grande bufão que fazia uso abundante da zombaria como crítica à igreja de seu tempo. BERGER, Peter. *Risa redentora: la Dimension cómica de la experiencia humana*. Barcelona: Kairós, 1998. p. 315.

³⁹ CAPITO, Wolfgang. *The Correspondence of Wolfgang Capito: 1507-1523*. V. 1. RUMMEL, Erika; KOOISTRA, Milton (Orgs.). Toronto: University of Toronto Press, 2005. p. 28.

⁴⁰ WALSH, William Shepard. *Curiosities of Popular Customs and of Rites, Ceremonies, Observances, and Miscellaneous Antiquities*. Philadelphia [etc.] J. B. Lippincott co., 1898. p. 356-360. Disponível em: <<https://archive.org/details/curiositiesofpop00wals>>. Acesso em: 23 out. 2015.

a alegria recitava desde o púlpito histórias engraçadas e lendas com o propósito de excitar o *Risus Paschalis* ou “sorriso da Páscoa”.⁴¹

O *Risus Paschalis* não era o único rito de humor praticado pela igreja ocidental, também existiam outras práticas que envolviam a risada em abundância.⁴² A risada litúrgica fazia parte do calendário das atividades das igrejas, sendo um escape para as tensões experimentadas ao longo do ano e do *período sisudo* da quaresma.

Liturgia e a Risada da Páscoa (Risus Paschalis)

A risada foi abolida da liturgia. Essa é uma constatação que pode ser percebida muito rapidamente por qualquer pessoa que participe de uma celebração religiosa cristã. Assumiu seu lugar a introspecção e o elemento estético grave. É certo que existem momentos de carisma em denominações pentecostais, porém, fora de uma suposta ação do Espírito, a risada é esteticamente proibida.⁴³ Encontramos na liturgia da igreja o indicativo da sisudez e da gravidade defendida pelas regras do claustro. No entanto, o humor ou a risada como parte da celebração se restringem a momentos de quebra de protocolo por parte do liturgo ou pregador, que faz algum chiste ou graça por conta de seu carisma.

Rir representa uma alegria cósmica e de âmbito universal que se dirige para tudo e para todos. Esse riso se reveste de significados filosóficos ao exprimir um ponto de vista particular sobre a experiência e não menos profundo que a seriedade, o que representa uma vitória sobre o medo que torna comicamente grotesco tudo o que aterroriza e distancia. O riso popular, por essa razão, triunfa sobre o pânico sobrenatural, sobre o sagrado, sobre a morte, além de propiciar a queda simbólica da hierarquia sufocante e repressora [...].⁴⁴

No Antigo Testamento, o riso aparece em momentos de remissão. Assim é com o riso de Abraão e Sara, que riram ao receber a notícia do cumprimento da promessa de um filho na velhice (Gn 17.17). O sorriso do Senhor é sinal de benção (Nm 6.25); um coração alegre é remédio contra as doenças (Provérbios 17.22); as festas santas deveriam ser regradas por risadas efusivas (1RS 1.40); e a alegria se transforma em exaltação pela salvação (Hc 3.18), por que a risada do Senhor “é a vossa força” (Neemias 8.10). No Novo Testamento, a orientação é “Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos” (Fl 4.4); pois é assim que o sinal da benção aparece para

⁴¹ “It was a time of exuberant joy. Gregory of Nyssa draws a vivid picture of the joyous crowds who by their dress, a feature still preserved and their devout attendance at church, sought to do honor to the festival. All labor ceased all trades were suspended. It was a favorite time for baptism, the law courts were closed, alms were given to the poor slaves were freed. Easter Sunday became known as *Dominica gaudii* ‘Sunday of Joy’. In the reaction from the austerities of Lent, people gave themselves up to enjoyment popular sports dances and farcical entertainments. In some places the clergy to increase the mirth recited from the pulpit humorous stories and legends for the purpose of exciting the *Risus Paschalis* or ‘Easter smile’”. WALSH, 1898, p. 357.

⁴² JOECKEL, Samuel. Christianity. p. 127-129. In: ATTARDO, Salvatore (Org.). *Encyclopedia of Humor Studies*. London: Sage, 2014. p. 128-129.

⁴³ Em denominações religiosas de caráter pentecostal existem as chamadas ações do Espírito Santo nas quais toda normatividade é quebrada, os fieis são tomados por êxtases marcados pelas risadas ao extremo. Conf. ORO, Ari Pedro. O Espírito Santo e o Pentecostalismo. *Teo-comunicação*, Porto Alegre, v. 25, n. 107, p. 87-101, 1995.

⁴⁴ DUTRA, Robson. É parda, é pedra, são os novos caminhos. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades XXIV*. V. VI, n. XXIV, jan./mar., p. 65-75, 2008. p. 71. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/52/56>>. Acesso em: 27 out. 2015.

aqueles que testemunham que “[...] os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo” (At 13.52).

Teoagapia

No *Risus Paschalis* encontra-se uma teoria do amor de Deus refletida na alegria que a percepção do perdão dos pecados confere àqueles que participam da vida cristã. Essa participação de dá, em termos litúrgicos, após o período da *Quaresma*, um período de reflexão a respeito da vida e ação de Jesus e sua paixão pelas ovelhas desgarradas do rebanho. Essa *teoagapia*, expressa numa liturgia, é reflexo da conseqüente práxis de Jesus, uma dramatização da vitória sobre as *forças subjetivas* de uma vivência calcada numa *moralidade apologética do status quo*.

[...] a *teoagapia* não é a realização de ações por um ou mais samaritano que, à estrada, socorre as vítimas, é, antes, a própria experiência de *ser-no-mundo* como *cura*, como ser finito *em-relação-com-outros* na tomada de conscientização de sua ocupação e projeto, assimilado desde um modo de *ser-com* na descrição de sua projeção como *ser-mais*, e que é a própria epistemologia dialético-luterana da igreja visível e invisível, do paradoxo, segundo o qual "Deus nos faz entrarmos em nós mesmos; e dando-nos a conhecer a nós, Deus faz com que conheçamos a nós mesmos". É no reconhecimento da fraqueza comum a todos os seres humanos que percebemos a finitude e a graça de Deus. É na conscientização qualificada dos processos vitais que percebemos a necessidade da comunhão e do espírito fraterno. Na superação de um amor simplesmente erótico que busca a segurança na disposição de *objetificação do outro*, na *coisificação do outro*, como modo de permanecer intacto diante da insegurança existencial, é que o ser humano entende Deus como *Agape*, somente quem "abandonar toda segurança encontrará a verdadeira segurança". Dever-se-á indicar a existência inautêntica do ser humano entendida a partir do mundo disponível, e a "existência autêntica na medida em que a partir dela as possibilidades de autocompreensão humana tornam-se perceptíveis e desafiam para uma opção responsável", uma opção preferencial pelo *próximo*, pelo *outro*, mediatizado pelo *Agape* (TEIXEIRA, 2014, p. 147).

A teoagapia do *Risus Paschalis* é a superação de uma liturgia que fundamenta sua lógica na sisudez e na gravidade, apontando para a alegria efusiva do perdão, cujo efeito estético é a *gargalhada* contra a constante tentativa em não tomar “o erro como condição da vida humana”.⁴⁵ A paradoxalidade da vida humana é expressa justamente na própria tentativa de retirar do culto tudo aquilo que traz as coisas da “intimidade dos quartos” para a dramaticidade cúlrica. É esconder, por meio da teatralidade litúrgica, a conseqüente realidade cotidiana cuja veracidade encontra-se especificamente no erro. A liturgia configura ao culto cristão a dramaturgia de uma corte na qual o liturgo, por vezes, parece officiar um tribunal. Não é por acaso que o ministro luterano, por exemplo, use um talar com peitilho de juiz.

O culto cristão na modernidade, sob a lógica da ordem e da discrição, eliminou os elementos de distúrbio vistos sob uma ideia da racionalidade iluminista. O culto cristão como dramaturgia da práxis de Jesus valoriza a introspecção, a sisudez dos mosteiros, em detrimento da alegria no Senhor, da gargalhada no espírito!

Considerações finais

Após a digressão acima, convém fazer os seguintes questionamentos: por que a celebração da páscoa, dentro do quadro litúrgico, não gera a alegria efusiva e estonteante nas celebrações?

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 14-15.

Por que a boa nova da ressurreição não cria uma liturgia do contentamento e do extravasamento da condição graciosa percebida? Quais as razões que levam os fiéis à introspecção cúltica na liturgia pascalina? São perguntas que necessitam ser feitas.

O *Risus Paschalis* foi gradualmente sendo retirado da liturgia da maior parte das igrejas cristãs, sobrevivendo muito diminutamente em alguns contextos. *Sua razão era comemorar - sob gargalhadas - a vitória de Jesus sobre as forças do mal numa dramaturgia do riso, na qual o oficiante conduzia o rito por meio de falas chistosas e cômicas recebendo responsorialmente as risadas como louvor a Deus.* Talvez o sentimento de culpa introjetado pelas *liturgias de poder*, na modernidade, tenham sobrepujado demasiadamente a alegria que constitui o perdão, experimentado na ressurreição de Jesus. São questões que precisam tomar forma e corpo nas pesquisas.

Referências

- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- BATMAN: O Cavaleiro das Trevas (The Dark Knight). 2008. 152 min. Direção: Christopher Nolan. País de origem: Estados Unidos da América do Norte, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.
- BERGER, Peter. *Risa redentora: la Dimension cómica de la experiencia humana*. Barcelona: Kairós, 1998.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BERTELLI, Giordano Barbin. A arte como contrabando: notas sobre antropofagia e política. *Análise Social*, 204, xlvii (3.º), 2012. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_204_a02.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.
- BREMMER, Jan N. *The Early Greek Concept of the Soul*. Princeton: Princeton University Press, 1983.
- _____. Piadas comediógrafos e livros de piada na cultura grega antiga. In: BREMMER, Jan N.; ROODENBURG, Herman (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CAPITO, Wolfgang. *The Correspondence of Wolfgang Capito: 1507-1523*. v. 1. RUMMEL, Erika; KOOISTRA, Milton (Orgs.). Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- DARDEN, Robert. *Jesus Laughed: The Redemptive Power of Humor*. Nashville: Abingdon Press, 2008.
- DUTRA, Robson. É parda, é pedra, são os novos caminhos. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades XXIV*. V. VI, n. XXIV, jan./mar., p. 65-75, 2008. p. 71. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/52/56>>. Acesso em: 27 out. 2015.
- FREUD, Sigmund. *O Chiste e a sua relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GÓES, Paulo de. O problema do riso em O Nome da Rosa, de Umberto Eco. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 213-240, jan./ju. 2009. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd99=pdf&dd1=3239>. Acesso em: 30 out. 2015.

HEINE, Heinrich. *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*. São Paulo, SP: Iluminuras, 1991.

JOECKEL, Samuel. Christianity. p. 127-129. In: ATTARDO, Salvatore (Org.). *Encyclopedia of Humor Studies*. London: Sage, 2014.

LAMBERT, Eduardo. *Terapia do RISO: a cura pela alegria*. São Paulo: Pensamento, 1999.

MARTÍN, Adrienne Laskier. *Cervantes and the Burlesque Sonnet*. Berkeley: University of California Press, 1991.

MICHAEL JACKSON'S Thriller. Artsita: Michael Jackson. Duração: 13 min. Ano: 1983. Direção: John Landis. País de origem: Estados Unidos da América do Norte.

MINOIS, George. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 72.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. 4. ed. Lisboa: Guimarães, 1987.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA FILHO, Odil José de. *Carnaval no convento: intertextualidade e paródia em José Saramago*. São Paulo? UNESP, 1993.

ORO, Ari Pedro. O Espírito Santo e o Pentecostalismo. *Teo-comunicação*, Porto Alegre, v. 25, n. 107, p. 87-101, 1995.

OTTA, Emma. *O sorriso e seus significados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Introd., Trad. e notas de C. Aquati. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. Cf. AQUATI, Cláudio. O riso e o grotesco no Satíricon, de Petrônio: o tratamento de Quartila (SAT. 15-26). *Letras Clássicas*, n. 7, p. 171-200, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73835/77501>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

PINTO, Marcelo. *Sorria: você está sendo curado*. São Paulo: Gente, 2008.

PROVINE, Robert R. *Laughter: A Scientific Investigation*. New York: Penguin Books, 2001.

RESNICK, Irvén M. Risus Monasticus. Laughter and medieval Monastic Culture. *Revue Bénédictine*, v. 97, n. 1 e 2, p. 91-100, 1987.

SALINAS, Maximiliano. O Ocidente e a problematização do riso. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v./n. 226, p. 410-416, 1997.

SÃO BENTO. *Regra Monástica*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0480-0547,_Benedictus_Nursinus,_Regola,_PT.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.

SILVA, Gilvan Ventura da. A Cartografia do Sagrado no fim do Mundo Antigo: João Crisóstomo e a cristianização de Antioquia. *Notandum*, São Paulo/Porto, Ano XIII, n. 24, p. 05-20, set-dez, 2010.

SPENCER, Herbert. *The physiology of laughter*. Disponível em: <<http://www.readbookonline.net/readOnline/23349/>>. Acesso em: 23 out. 2015.

STAR WARS Episódio III: A Vingança dos Sith (Star Wars: Episode III - Revenge of the Sith). 2005. 140 minutos. Direção: George Lucas. País de origem: Estados Unidos da América.

VICENTE, Gil. *Sátiras Sociais*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1975.

WALSH, William Shepard. *Curiosities of Popular Customs and of Rites, Ceremonies, Observances, and Miscellaneous Antiquities*. Philadelphia [etc.] J. B. Lippincott co., 1898. p. 356-360. Disponível em: <<https://archive.org/details/curiositiesofpop00wals>>. Acesso em: 23 out. 2015.

WOOLF, Virginia. O Valor do Riso e Outros Ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.